

parece improvável. Por outro lado, a força e a energia de um leão são de fato incríveis, e caçadores asseguraram-me já terem visto girafas serem mortas por leões.

Os colonos de minha fazenda, durante os três meses anteriores, tinham vindo à casa pedir-me que matasse um leão *mbaya sana* — muito mau — que estava seguindo e inquietando seus rebanhos. O leão que encontrei naquela manhã e que, apesar de nossa proximidade, manteve-se sobre o dorso de sua presa, absorto em sua refeição e integrado a ela, movendo-se apenas levemente na atmosfera opaca, podia muito bem ser o mesmo matador, a causa de tanto desgosto por preciosas vacas e novilhos. Estávamos a cerca de trinta quilômetros dos limites da fazenda, mas uma distância de trinta quilômetros não significa nada para um leão. Se era ele, não deveria eu abatê-lo quando ele mesmo dava-me a oportunidade? Kanuthia diminuiu a velocidade do carro e Denys sussurrou-me: “Você atira desta vez.” Não trazia comigo minha própria espingarda, portanto ele passou-me a sua. Eu não gostava de atirar com a espingarda dele, era muito pesada e principalmente muito longa para mim. Porém, meu velho amigo “Tio” Charles Bulpett dissera-me: “A pessoa que é capaz de se encantar com uma doce canção sem desejar aprendê-la, com uma bela mulher sem desejar possuí-la ou com uma magnífica peça de caça sem querer abatê-la não tem um coração humano.” Assim, aquele tiro disparado antes do alvorecer foi na realidade uma declaração de amor — e a arma não deveria então ser da melhor qualidade?

Ou pode ser dito que caçar é sempre viver um caso de amor. O caçador sente amor pela caça, os verdadeiros caçadores amam sinceramente os animais. Mas durante a caçada em si sentem mais do que isso, ficam apaixonados pela caça que estão seguindo e que pretendem fazer sua; nada mais existe no mundo para eles. Só que, em geral, a paixão é sempre um tanto unilateral. As gazelas, antílopes e zebras, que, durante o safári, você mata para obter carne para seus carregadores,

são animais medrosos que fogem e, de modo peculiar e estranho, desaparecem diante de seus olhos; o caçador precisa levar em conta o vento e o terreno e esgueirar-se lenta e silenciosamente atrás deles sem que percebam o perigo. É uma arte apurada e fascinante, dentro do mesmo espírito daquela obra-prima de meu conterrâneo Sören Kierkgaard, *O diário do sedutor*, e pode, da mesma forma, proporcionar ao caçador momentos de grande dramaticidade e ocasião para demonstrar habilidade e astúcia, além de sentimentos gratificantes. No entanto, para mim, perseguir a caça nunca foi o melhor da coisa. De mais a mais, o búfalo e o rinoceronte, a caça grossa, em cuja caçada há perigo, raramente atacam sem que tenham sido atacados ou pensem estar sendo atacados.

A caçada ao elefante é um esporte único. Pois o elefante, que durante séculos foi caçado com intenção de lucro, no correr do tempo passou a incluir o homem em seu esquema de coisas, com profunda desconfiança. Nossa proximidade é um desafio que jamais deixará de considerar: ele vem em nossa direção, rápido e direto, sozinho, uma estrutura impressionante e esmagadora, sólida como ferro fundido e ágil como água corrente. “Quando ele se levanta em toda a sua altura, os poderosos tremem.” Suas orelhas se projetam para fora como as asas de um dragão, conferindo-lhe uma semelhança grotesca com o pequeno cão de estimação chamado *papillon*; sua enorme tromba, franzida como uma sanfona, eleva-se acima de nós como um açoite erguido. Há paixão em nosso encontro, há determinação de ambos os lados; mas de sua parte não há prazer na aventura, é movido somente por uma justa ira e está garantindo um antigo feudo familiar.

Em dias muito remotos, o elefante, no topo do mundo, levava uma existência profundamente satisfatória para si mesmo e própria a servir de exemplo para o resto da criação: a de um ser com a força e poder superiores ao ataque de qualquer outro ser, e que não atacava nenhum ser vivo. O grandioso e idílico *modus vivendi* durou até que um velho pintor chinês